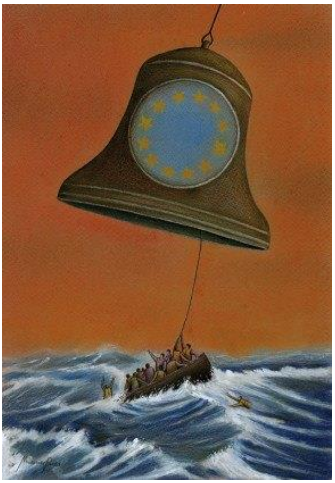
SERRA-PILAR

2016 julho 24 | ano 42 | Tempo Comum, 17º Domingo | 1968

«Há já vinte e um séculos que tu vieste, Senhor, e é como se não tivesses vindo. Todos acreditam ser donos da verdade».



Emigration da artista Mahboobeh Pakdel (Irão), vencedora do Grande Prémio do 18º PortoCartoon-World Festival, 2016,) organizado pelo Museu Nacional da Imprensa e subordinado ao tema ***O entendimento global".***

Jesus visita um campo de refugiados

www.serradopilar.com

O vendaval agita a areia da praia de Lesbos. A uma milha de distância, diversos botes insufláveis lutam contra um mar enraivecido, onde várias famílias de refugiados sírios se debatem entre a vida e a morte. Um punhado de pescadores gregos, lança um cabo do seu barco, em direção a um dos botes, prestes a esvaziar-se, e a ser engolido por uma onda gigantesca. Do bote gritam:

- Salvem-nos, que perecemos!

O patrão da embarcação, de barba preta e olhar profundo, envergando um colete laranja, e com um gorro de malha enfiado até às orelhas, exclama:

– Vamos, remem com mais força!

A muito custo, conseguem arrastar a frágil embarcação até à praia. O espetáculo com que deparam, não podia ser mais desolador: jovens voluntários da organização Médicos do Mundo, a fazer respiração artificial a um náufrago, enquanto outros se ocupam a cobrir, com mantas, os cadáveres de várias crianças, que não conseguiram sobreviver ao desembarque.

Exaustos, após uma esgotante jornada, os doze pescadores acendem uma fogueira, junto duma casa arruinada. O patrão diz-lhes, então:

– Com o leme quebrado, sem água e sem alimentos, olho para estas pessoas como navegantes sem rumo, sem norte nem porto. Que posso eu dizer desta geração? Ai de quem os atirou para esta situação! Ai de ti, Europa, que lhes fechas as portas e lhes negas a vida! Eu enviei, há muito tempo, a estas praias, os meus primeiros apóstolos, a fim de semearem a Boa Nova do amor e da felicidade. Vós construístes igrejas, sim, mas também fundastes nações para vos enriquecerdes, e depois de lutardes entre vós, acabastes entregues ao deus a que chamais "Estado de bem-estar social". **Convertestes a Europa num castelo inexpugnável, num recinto fechado com muros e barreiras, num mercado dependente dos movimentos da bolsa e dos prémios de risco, em função do vosso próprio egoísmo.** Criastes uma moeda única a fim de encherdes os vossos cofres, armazenando em bancos o dinheiro que é de todos, ou a fim de promover multinacionais que exploram os mais desfavorecidos dos países pobres. Mas, de que vos servirão as vossas avultadas contas bancárias, quando, durante a noite, surgir o implacável ladrão.

Um dos marinheiros, chamado André, pergunta:

– Mas, eles não têm o Papa e os bispos, para lhes recordarem o que lhes ensinaste, aquando da tua primeira vinda?

– **Ai, André, muitos se esqueceram do mar, da pesca e das noites de faina.** E não fazem caso do atual sucessor de Pedro, que, fiel aos meus ensinamentos, clama em favor destes desgraçados. É uma voz que grita no deserto do consumismo. Ou, então, chamam-lhe "populista" e "comunista". Pede que os refugiados sejam acolhidos, mas a Europa faz ouvidos moucos, limita-se a colocar remendos em tamanha tragédia. Critica, abertamente, um sistema que "descentra a pessoa", erigindo como centro de todos os interesses o "deus dinheiro", e luta para que a Igreja não se feche em si mesma. "Se uma igreja, uma paróquia, uma diocese, uma instituição viver fechada em si mesma,

acabará por adoecer". É contrário à ideia de transformar os mosteiros vazios em hotéis, a fim de obter recursos, quando estas pessoas não têm onde reclinar a cabeça, ou morrem como cães ao longo destas praias.

Entre si, os discípulos comentam, em surdina, algumas críticas que são feitas ao Papa: Que "vive na residência de Santa Marta, em vez de morar no palácio do Vaticano", que "se desloca num utilitário", que "se aproxima dos doentes e visita as cadeias, fala com os mendigos da rua e diz que não se atreve a julgar os homossexuais". Que "não é um teólogo brilhante", e, para cúmulo, que "se compreende tudo o que ele diz".

– Vede lá se não me reconheceis nestas palavras de Francisco?, - pergunta o Mestre: "Cada vez com maior frequência, as vítimas da violência e da pobreza, ao abandonar as suas terras de origem, sofrem o ultraje dos traficantes de pessoas humanas, na sua viagem rumo ao sonho de um futuro melhor... **Hoje, mais ainda que no passado, o Evangelho da misericórdia interpela as consciências,** impede que as pessoas se habituem ao sofrimento do outro, e aponta caminhos e respostas baseados nas virtudes teologais da fé, da esperança e da caridade, que acabarão por se desdobrar em obras de misericórdia espirituais e corporais".

Uma voluntária da ACNUR [Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados], uma daquelas que o seguiam habitualmente, pergunta:

– Mas diz-nos, Mestre, por que temos nós de receber os imigrantes e refugiados? Também, entre nós, há muito desemprego e crianças a passar fome, pessoas com falta de uma habitação digna e doutros direitos fundamentais.

Em resposta, Jesus estende a mão em direção às tendas montadas pelos cooperantes para abrigar os refugiados, que continuam a desembarcar às centenas.

– **Olhem para eles, são pedaços de nós mesmos,** irmãos e filhos do Pai, e não têm para onde ir. Ajudai os que estão perto de vós, mas não vos esqueçais dos que estão longe. Contemplai essas crianças mortas. Olhavam para a vida, com a esperança que lhes dava o estar vendo, continuamente, o rosto de meu Pai. Contam elas, porventura, alguma coisa, nos escritórios dos donos deste mundo, nas reuniões políticas, nas previsões de Wall Street? "Olhai que estou à porta e bato", repetirei eu mil vezes. Quem recebe ou abriga um destes refugiados, é a mim que recebe'.

– No entanto, há alguns bispos que alertam para a necessidade de se ter muito cuidado, porque isto tem os seus riscos. Depois dos recentes atentados de Paris, há quem garanta que, entre os refugiados, se introduzem terroristas, membros da Jihad.

– A erva daninha cresce em todo lado. Mas, deverá o segador cortar a cizânia juntamente com o trigo? Se estiverdes atentos a todos os riscos, ao realizardes as vossas boas obras, então, não saireis de casa, ficareis todo o dia em frente à televisão a comer pipocas. Se aquele que recebe uma esmola vossa vos rouba, não vos arrependais de o terdes ajudado, pois o vosso Pai que vê o oculto, conhece as vossas intenções, e há de premiar os vossos esforços.

Aproxima-se, então, um bombeiro voluntário de Sevilha.

– Pois a nós, meteram-nos na cadeia por termos ajudado esta gente.

– Por terdes estendido uma mão a estes irmãos que abandonam os seus lares e se arriscam, para fugirem de uma guerra injusta para a sua liberdade, os vossos nomes ficarão escritos no livro da vida.

Como cada vez mais pessoas se juntam ao coro dos que querem escutar Jesus, os discípulos retiram, da despensa do seu barco de pesca, algumas latas de conserva e pão com queijo. Nisto, levanta-se um jovem, de cerca de vinte e cinco anos de idade, de calças de ganga, óculos redondos e cabelos desgrenhados.

– Mestre, tens visto os programas da televisão? Tens telemóvel? Estás no *Twitter* ou no *Facebook?* Que pensas do presente *boom* tecnológico?

Jesus sorri. Depois, retira um *smartphone* do bolso de trás das calças, e diz:

– Aquando da minha primeira vinda, tinha de subir a uma montanha ou a um telhado, às vezes, até, afastar-me num barco, para que as multidões me pudessem ouvir. Não tinha outro meio de transporte, além destas duas pernas, que me conduziam pelos caminhos da Galileia e da Judeia, onde preguei a Boa Nova. Falava ao povo em parábolas sobre sementeiras, vinhas, figueiras, bodas, pães e remendos. De que vos falarei agora? Do chip e do disco duro, do *whatsapp* e do *skype?* **Digo-vos que os desta geração vivem colados ao telemóvel, gastam megas e gigas para comunicar entre si, mas andam sozinhos e tristes como abutres no deserto. Os grandes supermercados estão a abarrotar de gente, durante os fins-de-semana, mas essas pessoas não conseguem satisfazer os seus corações, acumulando compras e mais compras**. Nos países do Norte, desperdiçam e deitam fora a comida que sobra, enquanto as crianças do Sul morrem de fome. Fartos de sexualidade e pornografia barata, esquecem-se do amor que se esconde num lírio, e de como meu Pai alimenta e veste um simples pardal.

– Então – interrompe o jovem universitário –, não são esses meios formidáveis púlpitos para a proclamação da Palavra?

– Esta geração tem os ouvidos e os olhos embotados de tanto ouvir e olhar. **Se ligais a televisão logo que vos levantais, e se só a apagais quando ides para a cama; se não retirais os auscultadores dos ouvidos, durante todo o dia, e não parais um minuto de acionar as teclas do telemóvel, é porque não sabeis estar sozinhos, nem sois capazes de escutar o silêncio**. Quando quiserdes alcançar o melhor de vós mesmos, fechai a porta do vosso quarto, e o Pai, que vê o que está oculto, vos falará e vos transformará por dentro, até encontrardes o caminho que conduz à vida eterna. O homem planta e rega, constrói belos edifícios, cria máquinas admiráveis, computadores, carros, aviões, naves espaciais, vacinas, robôs e, até, espaços virtuais, mas não pode acrescentar um côvado à sua estatura, nem prolongar, indefinidamente, a sua vida. E nada do que faz, pode ser feito sem o concurso do Pai. Mas, ai dos que idolatram todas estas criaturas, convertendo-as em valores absolutos! Transformam-se nos artefactos que adoram, que, em pouco tempo, passam de moda, e vão direitinhos para os cemitérios de sucata que contaminam o planeta.

Jesus retira o seu gorro de marinheiro, e o vento da noite agita-lhe o cabelo. Em tom solene, acrescenta:

– No entanto, todo aquele que encarna a Palavra, brilhará com uma luz própria, e iluminará os seus irmãos. Portanto, não escondais a luz na sombra dos vossos apartamentos ou escritórios, mas colocai-a, bem alto, em todas as redes de comunicação deste mundo, para que todos a possam ver e escutar e louvar o vosso Pai que está nos céus. Na verdade, **não encontrareis melhor filtro, que os próprios destinatários da vossa verdade, que acabarão por saber distinguir a verdadeira moeda da falsa,** aquele que vive, verdadeiramente, a Palavra, do que não passa de um sino que retine, ou de um altifalante ruidoso. Porque a luz também brilha nas trevas, repletas de negatividade, dos vossos boletins informativos, redes sociais, telefilmes ou telejornais.

Filipe, um dos seus discípulos, que era pastor protestante, toma a palavra. Todos prestam atenção, à espera do que iria dizer:

– Senhor: não sabes quanto nos alegra, o facto de teres voltado ao mundo. Mas, bem vês, estamos metidos numa grande embrulhada: estas vítimas que estamos a resgatar do mar, são refugiados sírios de religião muçulmana. Ora, aqui há voluntários católicos, ortodoxos, protestantes, judeus e, inclusive, agnósticos ou gente que duvida de tudo. **Já lá vão vinte e um séculos, desde que vieste ao mundo, e é como se nunca tivesses vindo. Todos acreditam ser donos da verdade.** E olha, há até crentes que se convertem em homens-bomba em nome de Deus. Outros, insistem que a salvação se encontra, apenas, na Igreja católica. Não é verdade que, depois de todos estes séculos, a fé que temos em ti, em vez de nos unir, nos colocou em posições antagónicas, devido a atitudes dogmáticas exclusivas, e a fações religiosas, em luta umas com as outras?

O Mestre reflete em silêncio, e faz sinal aos seus pescadores para que repartam os restos de pão e as poucas latas de cavala e berbigão, que restam na despensa.

– Fazei, também, passar entre eles a bota do vinho – sugere. Em seguida, aproxima-se do lume, e alimenta a fogueira com pedaços de madeira de restos de embarcações naufragadas. O seu rosto adquire tons avermelhados à luz das chamas, envoltas pela coluna de fumo que, subindo, se perde entre fiapos de nuvens luzindo ao luar.

– Meus filhos, **tende cuidado com alguns líderes, que transformaram a religião numa manta de retalhos de normas, num catálogo de proibições, num inexpugnável redil de fanáticos.** Deformaram o rosto de meu Pai, transformando-o no de um ogre, num mestre-escola que açoita os seus alunos, num ditador sem entranhas, duma qualquer república das bananas, que exclui e condena. Colocam fardos insuportáveis sobre os vossos ombros, e enchem a boca com palavras bonitas. Querem ser tratados por pais (padres), mas Pai há só um, que está nos céus e no coração dos que cumprem a sua vontade. Destroem as obras de arte, ou perseguem o conhecimento científico, a investigação, e outras criações humanas, castrando o pedaço de infinito que Deus colocou no coração do homem. Não. Eu vim colocar o amor acima da lei, e atacava os fariseus, porque eles se tinham escudado na letra, para apagar o espírito, e conservar a sua tendinha que era, também, o seu negócio. **Como é possível que muitos continuem a transformar a fé em creche para adultos, em fortim de defesa, ou se protejam atrás de ritos, roupagens e códigos?**

O pastor protestante levanta-se e insiste.

– Senhor, não respondeste à minha pergunta. Vivemos num mundo onde todos expõem as suas ideias livremente, mas em que reina a confusão. Diz-nos, duma vez por todas: qual é a religião verdadeira? Define-te: de que lado estás? Com o Vaticano dos católicos, com os ortodoxos, com a comunidade anglicana, com os protestantes, com a Nova Era?

Jesus levanta-se e caminha em direção ao mar.

– Diz-me: de quem é o mar? Viste os documentos sobre a riqueza zoológica submarina? Após tantos séculos de história, o homem não conhece nem a décima parte da sua fauna e flora. Repara no firmamento: os astrónomos, com os seus potentes telescópios, ainda não conseguem adivinhar os milhares de astros e estrelas que povoam os espaços siderais, e russos e americanos apenas se limitaram a realizar curtas viagens interplanetárias. **E quereis vós encerrar a Deus num balão de ensaio para o analisar? Só quebrando as vossas ridículas taças de compreensão, podereis enchê-las do verdadeiro Deus.** A verdade não é algo estático, como um quadro ou um diapositivo. Nem pode ser contida num único livro. A verdade é como um manancial inscrito no coração do homem, que vai crescendo até se converter em rio e em mar. Que pretendeis vós? Encerrar a realidade numa garrafa de Coca-cola, e vendê-la por um dólar ou um euro? Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Mas eu nunca disse que, seguir-me, equivalia a cumprir um catálogo de prescrições, como contentar-se em ir à missa, em comungar aos domingos, ou colocar uma cruzinha na declaração de rendimentos. Falei de uma água que jorra para a vida eterna, e não de feudos exclusivos de uns quantos privilegiados, que se pavoneiam com as cores da camisola. Sabeis o que parecem? Equipas de futebol em confronto, míopes partidos políticos, a quem não interessa o bem das pessoas, mas o triunfo das suas empresas, e o seu próprio enriquecimento.

Chama, então, um miúdo sírio que, a tremer de frio, se abriga debaixo duma manta. Senta-se a seu lado, esfrega-lhe os ombros para o aquecer, e pergunta:

– Como te chamas?

– Sibel – responde a criança.

– Em verdade vos digo, a minha verdade chama-se Sibel, e qualquer uma das crianças que mendigam nas ruas de Cabul ou do Rio de Janeiro. **A verdade é acolher Sibel como a mim mesmo, e quantos são marginalizados e passam fome, quantos são maltratados pela injustiça de um mundo, dominado pelas ideias exclusivas** de uma vintena de milionários, pelas suas multinacionais, e por um punhado de políticos. Ou os meninos-soldados, as mulheres espancadas e maltratadas pelo machismo, as vítimas da pederastia, e as adolescentes exploradas pelo turismo sexual. Dei a minha vida por todos, e voltaria a dá-la de novo, se necessário, perante um pelotão de fuzilamento, ou crivado de balas pelos sicários desses magnatas, no fundo duma valeta.

Uma mulher muçulmana, de véu, levanta-se trémula:

– E os que nos obrigaram a fugir das nossas aldeias? E os que nos matam em nome de Alá? Disseste-nos que amássemos os nossos inimigos? Mas Maomé convocou-nos para a jihad.

– Em verdade vos digo que os que com ferro ou tiros matam, com ferro e rajadas de metralhadora serão mortos. Estão mergulhados no erro, e pagar-se-lhes-á na mesma moeda. Mas garanto-vos que, até mesmo, os terroristas e assassinos são filhos do Pai. Também derramei o meu sangue por eles. Na árvore da cruz, também lhes perdoei. Assim, também vós lhes deveis perdoar, para que se convertam e vivam. **Não há outra jihad em que lutar para crescermos por dentro e não nos tornarmos como eles, do que construirmos um mundo mais justo, em que caibam, também, os pobres filhos do Islão. Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei.** Porque o que ama os seus amigos, que mérito tem? Não é assim tão difícil aproximar-vos da minha verdade. Se não aprenderdes isto, de nada adiantam todas as vossas discussões teológicas e as cátedras dos sábios.

Um ancião de barba branca apresenta-se como sacerdote, capelão de um grupo de voluntários, e dirige-se a Jesus emocionado:

– Senhor, chamo-me Manolo. Dediquei toda a minha vida à proclamação do teu Evangelho. **Durante muitos anos, fui pároco numa aldeia, e, depois, numa grande cidade.** Lutei pela tua causa. Mas o meu grande inimigo foi a rotina. Preparava, com muito estudo e dedicação, as minhas homilias; cuidava, com todo o empenho, da Cáritas Paroquial; organizava a catequese, os grupos de crisma e os movimentos de Ação Católica. Tentava, com toda a misericórdia, orientar os fiéis no confessionário, e despertar a fé dos que me procuravam para batismos, casamentos e funerais. Mas, sabes Senhor, apenas consegui pastorear algumas ovelhas do meu redil, os que toda a vida tinham sido católicos. **Sentia que a minha igreja não passava de um escritório de sacramentos, e de um refúgio de beatas.** Não conseguia muito mais do que isto. A maioria dos habitantes do meu bairro, não frequentavam a Igreja. Apenas se preocupavam em conservar o seu emprego, em ir às compras, e em passear aos fins-de-semana. Que se passou connosco? **Por que é que o teu Evangelho já não interessa a ninguém?** Por que é que tudo parece cinzento, e já quase ninguém acredita que é em ti que se encontra a felicidade?

Jesus levanta-se e, aproximando-se, pousa as suas mãos nos ombros do velho sacerdote.

– Obrigado, Manolo. Talvez tu não te apercebesses disso, mas, durante aquelas noites em que tinhas dúvidas de fé, ou te sentias inútil e terrivelmente só, eu estava ao teu lado. Mais, quando repartias o pão e a palavra, era eu mesmo que o fazia por teu intermédio. Melhor do que ninguém, eu sei que a tua semente caiu, muitas vezes, em boa terra e produziu fruto, embora não te tivesses apercebido disso. É verdade, também, que viveis agora num mundo muito secularizado, que valoriza, apenas, a matéria, o palpável, e que não é capaz de apreciar o que tantas vezes vos repeti: que o reino é como um grão de mostarda ou de trigo, ou como uma pitada de fermento. **O marketing e as estatísticas invadiram a minha Igreja, como um demónio furioso que tudo quantifica,** edifícios, fundações e resultados financeiros. Eu cá amo o que é pequeno, a moeda da viúva, uma ovelha perdida, um frasco de perfume derramado com amor, uma prece feita às escondidas na penumbra do templo. Aos outros chamei servos, a ti, Manolo, chamo-te amigo.

Manolo enxuga, com as costas da mão, uma lágrima que lhe corre pela face. Quando se recompõe, diz:

– No entanto, Mestre, há uma coisa que tenho de confessar. Preguei de mil maneiras as tuas bem-aventuranças, mas, após tantos anos de vida pastoral, eu próprio não sei o que é a felicidade. Mais, vejo que toda a gente a busca de mil maneiras, e não a encontra.

– Quantas vezes tenho de repetir que o que vos falta é fé? Pedi e recebereis, batei e abrir-se-vos-á. O mundo de hoje afunda-se porque, tal como o meu apóstolo Pedro, não se atreve a caminhar sobre as águas. As pessoas pensam que seguir-me, é cerrar os punhos e cumprir certas práticas, para tranquilidade da sua consciência. Disse outrora, e repito-o agora: o que não se negar a si mesmo, tomar a sua cruz e me seguir, não é digno de mim. Esta frase horroriza toda uma sociedade centrada no bem-estar do homem e na autorrealização. E há poucos que a tenham entendido bem. Alguns dos vossos pensadores e filósofos, escreveram que eu preguei a autodestruição do homem. Nada mais longe do meu pensamento. Esses confundem o seu eu mesquinho, fixado em quatro coisas desta vida, como o sucesso, o dinheiro, o poder, com o seu verdadeiro eu mais profundo. Centrarmo-nos em conquistas mundanas, rouba-nos a paz, que é a felicidade que o homem tem a possibilidade de alcançar. **Falais, quase sempre, da minha cruz, e muito pouco da minha ressurreição. Ressuscitar é cair na conta de que "o Reino de Deus está dentro de vós",** de que já tendes tudo naquele que vos conforta, como disse o meu apóstolo Paulo.

Querido Manolo, não te preocupes com os resultados, não te deixes contagiar pelos balanços empresariais e pelo seu medo do défice. Sê tu mesmo, aquele que saiu bem feito das mãos de Deus, **entra no teu interior, e ressuscitarás comigo,** embora, enquanto viajas em vaso de barro, continues a padecer de alguns medos, sombras e incertezas, pois não posso livrar-vos da cruz. Mas regozijai-vos, pois preparei-vos um lugar, e quem crê em mim, não morrerá jamais.

Sem quase terem dado por isso, todos os presentes se apercebem que a noite já tinha passado, e que um rosáceo resplendor desponta no horizonte, anunciando o amanhecer. Das tendas saem os primeiros responsáveis dalgumas ONGs, a fim de organizar as comitivas de refugiados, que iniciam a sua caminhada rumo aos Balcãs, Alemanha, Suécia e outros países europeus, transportando os seus parcos haveres. Está frio, mas os que se tinham alimentado com a Palavra, sentem arder uma chama nos seus corações, e uma renovada esperança brilha, como uma leve centelha, nos seus olhos. Alguns pescadores e outros voluntários regressam ao mar, a fim de resgatar novos refugiados. Jesus põe-se a caminho rodeado de crianças acompanhadas pelos pais, que acabam de ouvir na rádio tristes notícias: **irão encontrar no caminho novas barreiras de arame farpado, soldados, comboios a abarrotar e fronteiras encerradas.** Ao longe, despontam as silhuetas de numerosos e frágeis botes de refugiados, na sua incessante luta por desembarcar e salvar as suas vidas. Faz-se dia.

PEDRO MIGUEL LAMET. Presbítero jesuíta, poeta, escritor e jornalista espanhol.

http://blogs.21rs.es/lamet/2016/03/jesus-visita-un-campo-de-refugiados/#more-5069